

Retalhos: A Tessitura da Criação em Lima Barreto¹

Carmem Negreiros²

Resumo

O artigo discute aspectos dos processos de criação do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), a partir de uma coleção de recortes de jornais, acompanhados por poucas anotações manuscritas, reunidos em cadernos chamados pelo escritor de *Retalhos*. São apresentados dois eixos de reflexão: a rua como espaço aglutinador de linguagens e gêneros, e a rede, conceito que indica os cruzamentos de temas e tendências, sugerindo interconexões e interações diversas. A rede se torna visível pela rica conexão entre a rua e os cadernos. Nessa perspectiva, a criação pode ser compreendida, a partir de *Retalhos*, como uma rede relacional complexa.

Palavras-chave: *Retalhos*; Lima Barreto; Redes; Rua

**Revista de
Crítica Genética**
ISSN 2596-2477

N. 55·2025

**Submetido:
15/03/2025**

**Aceito:
04/04/2025**

- 1 Este texto foi originalmente apresentado como conferência durante o “16º Congresso Internacional da APCG: Arquivo expandido. Conexões e processos de criação”, na Mesa “Manuscritos brasileiros”. A autora generosamente autorizou sua publicação, após alguns ajustes realizados por ela.
- 2 Doutora em Letras pela UFRJ, é Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisadora CNPq, Cientista de Nosso Estado (FAPERJ) e bolsista Prociênciia FAPERJ/UERJ. Publicou artigos, capítulos e livros sobre a obra do escritor Lima Barreto e organizou, com Antonio Houaiss, o volume de Triste fim de Policarpo Quaresma para a Coleção Archivos (UNESCO, 1997). Coordena o Labelle – Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque desde 2015. Contato: carmemlucianegreiros@gmail.com

Abstract

This article discusses aspects of the creative processes of writer Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), based on a collection of newspaper clippings, accompanied by a few handwritten notes, gathered in notebooks called *Retalhos* by the writer. Two axes are presented for reflection: the street as an agglutinating space for languages and genres, and the network, a concept that highlights the intersections of themes and trends, suggesting various interconnections and interactions. The network becomes visible through the rich connection between the street and the notebooks. From this perspective, creation can be understood, through *Retalhos*, as a complex relational network.

Keywords: *Retalhos*; Lima Barreto; Networks; Street.

Introdução

Há um texto de autoria desconhecida publicado no periódico ABC, em 1918, no qual se informa que um grupo de policiais prendeu o escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), num botequim, no subúrbio de Todos os Santos. A cena é assim descrita: “O autor notável de *Triste fim de Policarpo Quaresma* distraía-se a bebericar, cousa que faz comumente nos arredores de sua residência”. O articulista em seguida relaciona o quadro no bairro carioca com a situação do poeta Paul Verlaine que circulava embriagado, em zig-zag, pelas calçadas de Paris. Jamais fora preso ou sequer incomodado. E tudo se devia à recomendação do chefe de polícia, Sr. Lepine, a seus subordinados que deliberou evitar qualquer vexame ao poeta por parte dos soldados. E, conclui o articulista que seria de bom alvitre que o Sr. Aureliano Leal³ seguisse os passos do seu confrade quanto ao escritor carioca.

Imagens de Lima Barreto sempre à mesa de um bar, trôpego pelas ruas projetaram-se sobre a recepção crítica de suas obras. A persistência da crítica em justificar a leitura das obras com ênfase na perspectiva biográfica (tudo é desabafo ou revolta pessoal) vinculou-se também à prática do escritor carioca em expor o processo de escritura em seus romances, contos e crônicas. Além disso, o autor problematiza a crise do sujeito soberano e ficcionaliza os processos de subjetivação na criação de personagens e tramas. E questionar os limites do indivíduo, estender as fronteiras entre os gêneros, para expor os conflitos da subjetividade, representa uma forte característica da sua produção literária. No entanto, o leitor/a brasileiro/a, no começo do século XX, ainda deseja a perspectiva romântica do herói e a acomodação dos conflitos pelo narrador, apesar da narrativa machadiana. Em geral, não suporta bem a incerteza, a fragilidade, a indecisão, enfim, as tensões da subjetividade e da forma. Diante desse quadro, concluiu Mário de Andrade, no ensaio de 1939 “A psicologia em ação”, que “afora Machado de Assis e o filão descoberto por Lima Barreto, é incontestável que a nossa psicologia novelística foi sempre muito precária”.⁴

Para o estudo da dinâmica da criação em Lima Barreto, considero os cadernos por ele denominados *Retalhos* um material relevante, muito desordenado e heterogêneo. São, portanto, cadernos nos quais estão colados recortes de jornais contendo assuntos diversos, desde acontecimentos políticos e culturais até críticas às suas obras, recortadas e ali arquivadas, além de estudos e esboços de textos iniciais para contos e romances. Possuem como suporte o papel, em cadernos com as folhas totalmente ocupadas em frente e verso por recortes de jornais acompanhadas do registro da data e veículo de publicação, sem observar clara sequência cronológica ou temática. Algumas anotações manuscritas são feitas à margem desses recortes, na horizontal ou vertical, de acordo com os

3 Em 1914, foi nomeado pelo presidente da República, Venceslau Brás, chefe de polícia do Distrito Federal, permanecendo neste cargo até 1918.

4 ANDRADE, Mário de. “A psicologia em ação”. ANDRADE, Mario de. A Psicologia em ação. In: **O empalhador de passarinho**. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972 p.150.

espaços que sobram na folha de caderno. O autor de *Isaías Caminha* colecionava também os retalhos de jornal que recebia de presente. Depois, colava-os num caderno sem uma sequência precisa de datas. Ao lado do recorte, aparece às vezes uma observação ou um pequeno texto manuscrito, comentando o “retalho” /recorte ou sobre assunto diverso.

Lima Barreto não esconde ser um colecionador de retalhos e revela aos leitores o quanto se utiliza de jornais para as suas reflexões. Na crônica “Considerações oportunas” afirma: “Tenho retalhos de jornais franceses que cortei há anos, para me documentar, noticiando tão repugnantes fatos acontecidos em França e perpetrados por soldados franceses”.⁵ Na crônica que abre o volume *Marginália* (título escolhido pelo escritor) informa que, diante da dificuldade para compreender a questão dos “poveiros”,⁶ buscou ajuda nos recortes de diferentes jornais.

Era tal a falta de uma segura orientação nos que se digladiavam, que só tive um remédio para estudá-la mais tarde: cortar as notícias dos jornais, colar os retalhos num caderno e anotar à margem as reflexões que esta e aquela passagem me sugerissem. Organizei assim uma “marginália” a esses artigos e notícias.⁷

Um dos exemplos de vinculação entre os *Retalhos*, a criação literária e a vida cultural, especificamente com a imprensa, está na crônica intitulada “O meu conselho”, que integra o volume *Feiras e Mafuás*. Nela, o autor expõe as etapas e os efeitos de seu método de colecionador em que o acaso é critério importante. A crônica abre-se com uma transcrição de anúncio de jornal, escrito em francês, feito por um jovem inglês que procura uma moça brasileira, “ilustre, artística e com dote” para casar-se. O mais interessante é o relato de como encontrou o tal anúncio: “Topei com este anúncio, há dias, num retalho de jornal, com o qual ia embrulhar, “abafar”, como se diz caseiramente, alguns sapotis, para amadurecerem longe dos morcegos que (...)apreciam apaixonadamente tais frutas”.⁸ A pretexto de comentar o anúncio, recortado da *Gazeta de notícias*, de 15-09-21, o autor faz na crônica uma interessante abordagem da história do Rio de Janeiro e suas relações com a Inglaterra, a presença da cultura inglesa no futebol, as demais manifestações culturais brasileiras em voga na capital. E, ainda, confidencia ao leitor, “quebrei a unidade do trabalho (afirma que deveria escrever uma crônica e quase saiu uma carta), mas pude ser confidencial e sincero”.⁹ Breve

5 LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Feiras e Mafuás. In: Obras de Lima Barreto. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.193.

6 Pescadores oriundos de Póvoa de Varzim (trabalhavam no Brasil, mas nunca se naturalizaram) criaram uma associação, “poveiros”, da qual só podiam fazer parte portugueses nascidos naquela região de Portugal. Essa ação provocou inúmeros episódios de violência por parte da população em nome do nacionalismo e do violento controle das autoridades republicanas.

7 Idem. Marginália. In: **Obras de Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.32.

8 Idem. Feiras e Mafuás. In: **Obras de Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.169.

9 Ibidem, p.175.

exemplo do processo de criação literária que utiliza os recortes de jornais para tratar da cultura e expor os impasses da escrita.

A prática de colecionar recortes de jornais e/ou cadernos de anotações não é peculiar somente a Lima Barreto. Guimarães Rosa anotava em seus cadernos histórias contadas por sertanejos, ouvidas durante suas viagens. Usava esses registros orais como sugestões para descrições de espaços e, também, para temas de contos. O caso mais emblemático é o de André Gide (1869-1951), que manifesta o desejo de escrever um romance a partir de *fait divers*¹⁰ colecionados pelo autor durante muitos anos. “Voltei a pegar esta manhã alguns recortes de jornal atinentes ao caso dos moedeiros falsos. Lamento não ter conservado um maior número deles. Eles são do jornal de Rouen, de setembro de 1906. Creio que é preciso partir daí sem procurar por mais tempo construir a priori”.¹¹

O processo de recorte e colagem dos fragmentos de jornais, com temas e períodos diversos combinados a anotações manuscritas, aproxima-se do princípio da arte de colecionar na qual, segundo W. Benjamin, é decisivo que “o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante”¹² e ressignifica-os compondo uma espécie de “enciclopédia mágica”.

Que se tenha em mente a importância que possui para todo colecionador, não apenas seu objeto, mas também todo o passado deste, assim como o passado que pertence à sua origem e qualificação objetiva, e ainda os detalhes de sua história aparentemente exterior (...) Para o verdadeiro colecionador, tudo isso, tanto os fatos científicos como aqueles outros, aglutina-se em cada uma de suas propriedades, em uma encyclopédia mágica(...). Colecionadores são os fisionômicos do mundo das coisas.¹³

Os recortes de jornais, apartados de suas funções originais, funcionam como objetos integradores de lembranças, tanto pelo conteúdo que carregam como por seu aspecto visual, na disposição da colagem nas páginas e no aspecto

10 Segundo Dominique Kalifa, o *fait divers* é herdeiro dos *canards* (jornal de quinta categoria e, em alguns casos, notícia falsa e melodramática) e sempre ocupou um lugar de primeiro plano nos relatos da imprensa. É herdeiro também do relato de crime, “logo promovido a tema fixo ou mesmo a símbolo capaz de traduzir o ambíguo fascínio pela transgressão que se encontra no próprio âmago do *fait divers*” KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue**. Narrativas sobre crimes e a sociedade na Belle Époque. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 30.

11 GIDE, André. **Diário dos moedeiros falsos**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 139.

12 BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: BOLLE, W. (Org.). **Passagens**. Tradução do alemão Irene Aron; Tradução do francês Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006, p. 239.

13 Idem. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. apresent. notas de Marcus Mazzari. São Paulo: Duas Cidades: Ed.34, 2002, p.137.

envelhecido e desatualizado¹⁴. Próximos do lixo, tornam-se vestígio e memória. Mantém-se como ponte, sobre o vazio do esquecimento, em direção ao passado: ficam os textos nos pedaços de jornais como objetos remanescentes e vestígios. Afinal, “a relação de uma época com seu passado repousa em grande parte sobre a relação dela com as mídias da memória cultural”¹⁵. Assim, são como vestígios da produção intelectual de seu tempo (e do que o antecedeu), uma contraimagem do continuum da informação que caracteriza os jornais.

O colecionador de recortes de jornais lida com os silêncios sem a preocupação do encadeamento de conteúdo, permitindo a recuperação de aspectos virtuais da memória quando atualiza o passado por meio de associações possíveis de serem estabelecidas. Tal especificidade na forma de lembrar, que realiza saltos e recortes, estabelece um processo de significação baseado na semelhança repentina percebida, por autor e leitor, entre o recorte de jornal e o acontecimento na cultura e na vida literária; entre uma imagem no meio da rua, ou perdida no passado, e a lembrança de textos literários lidos; entre sugestões de textos a serem elaborados e trechos de contos e romances publicados. Possibilitam a reflexão crítica sobre a vida cultural e literária, a partir de estratégias como montagem e a descontinuidade.

14 A expressão “desatualizado” justifica-se pelo fato de que Lima Barreto colecionava os retalhos de papel que também recebia de presente, não necessariamente jornais novos ou recém-lidos.

15 ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformação da memória cultural. Tradução Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, p.221.

Amostras dos *Retalhos*

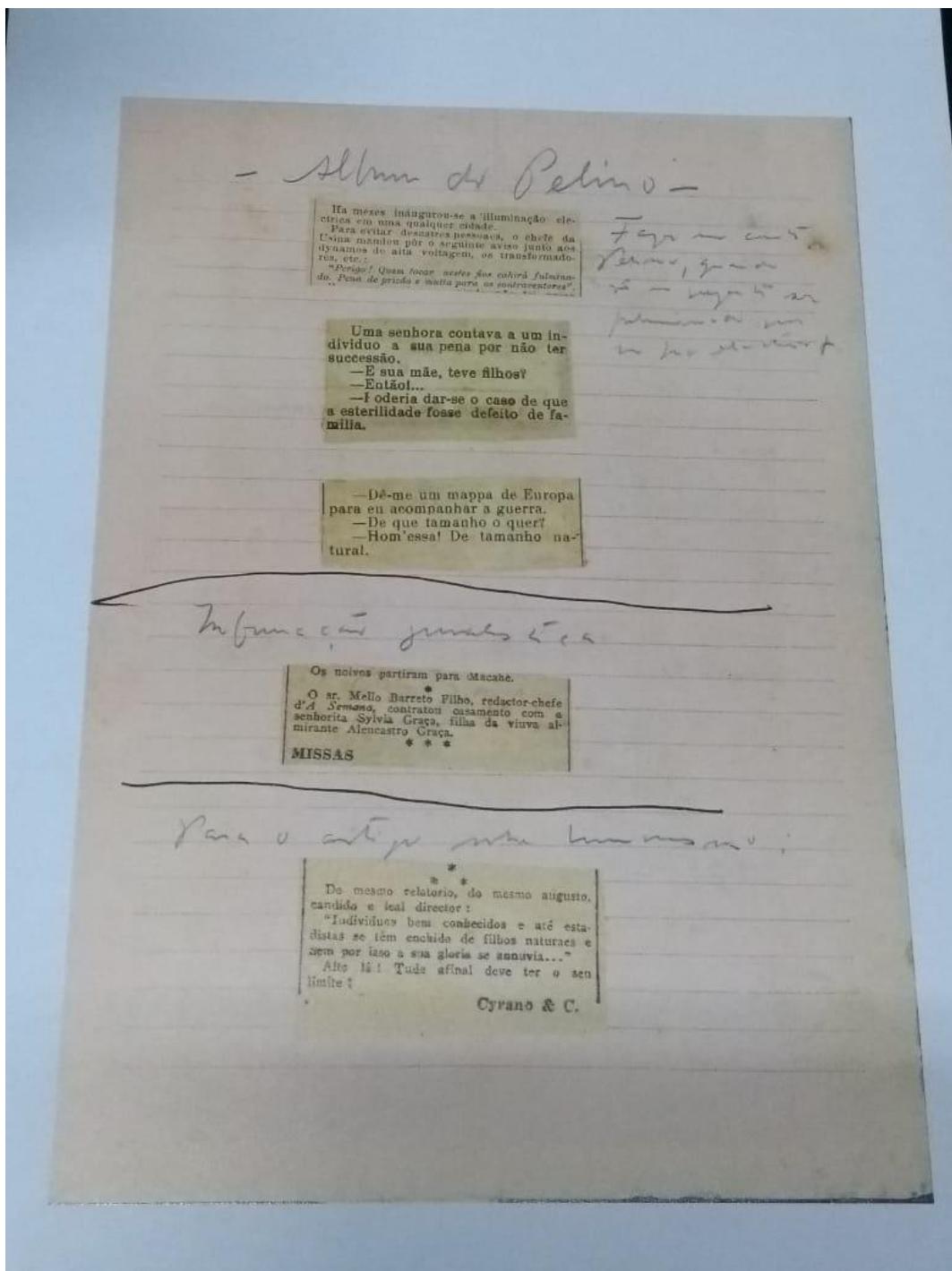


Fig. 1 Cadernos Retalhos, Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

Na primeira parte do recorte temos a coleta de situações bizarras e humorísticas enfeixadas para o “Álbum de Pelino”, com a observação “fazer um conto”. No meio, um recorte sobre uma situação banal do cotidiano ironizada pelo escritor com a legenda “informação jornalística”. E por último, na mesma página, um recorte de jornal acompanhado da observação “para o artigo sobre bovarismo”.

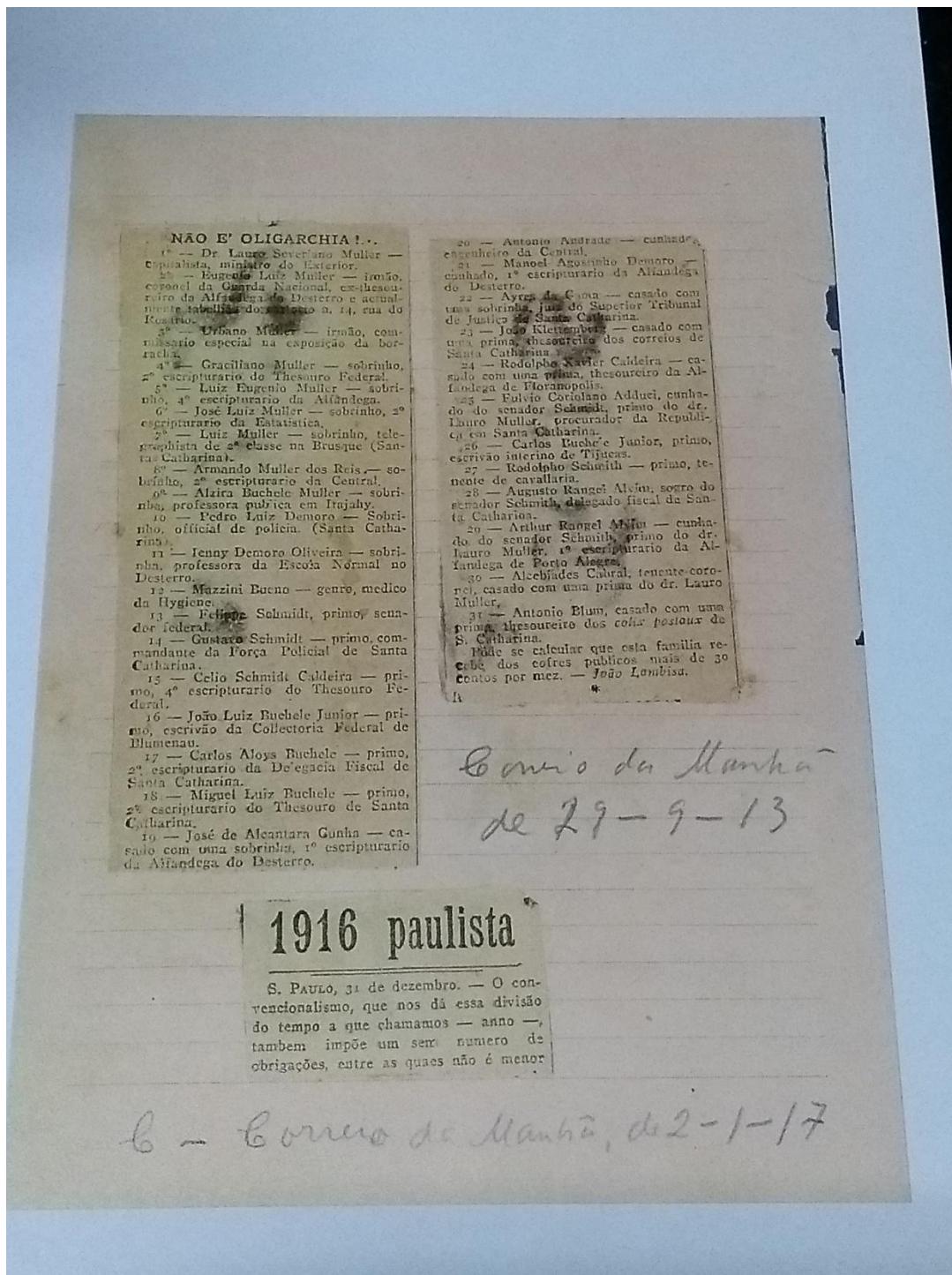


Fig. 2 Cadernos Retalhos, Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

Recortes contendo assuntos diversos e períodos variados, demonstração pesquisa e seleção de temas da cultura, história, política.

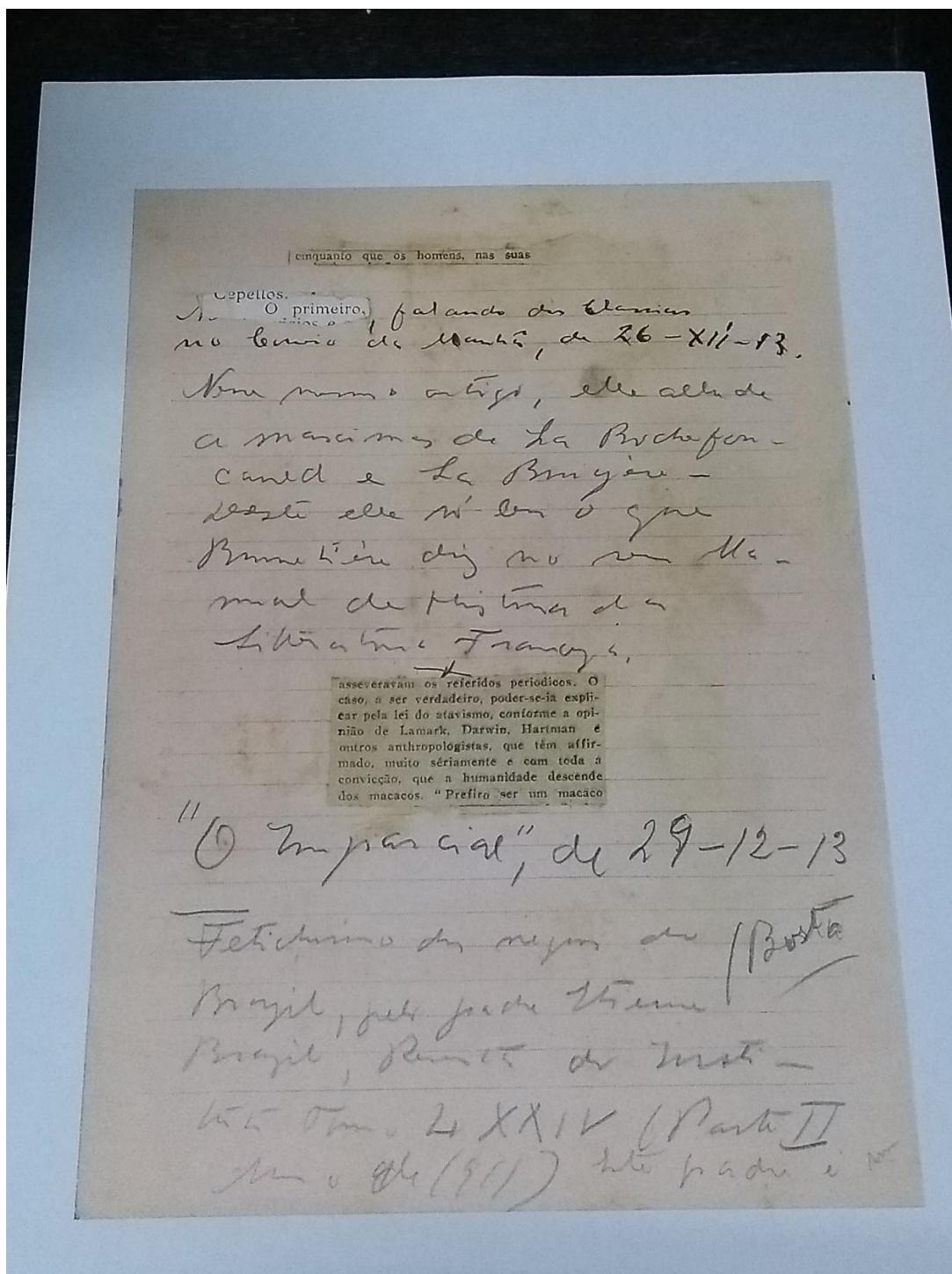


Fig. 3 Cadernos Retalhos, Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

Acompanha o recorte a observação do escritor: "Nestor Víctor¹⁶ falando dos clássicos no Correio da Manhã, de 26 de dezembro de 1913"¹⁷. E acrescenta que o

16 Nestor Victor (1868-1932) poeta, ensaísta e crítico literário. A ele se deve a edição das *Obras Completas* de Cruz e Sousa (1861-1898). Entre suas publicações de crítica, destacam-se *A crítica de ontem* (1919), *Cartas à gente nova* (1924), *Os de hoje* (1928) entre outros.

17 Consultar em Hemeroteca Digital BN. Disponível em: https://hemerotecapdf.bn.gov.br/089842/per089842_1913_05444.pdf

articulista alude a máximas de Rochefoucauld¹⁸ e La Bruyère.¹⁹ Deste ele não leu (sic) o que Brunetiére²⁰ disse no seu Manual de História da Literatura Francesa" E na terceira parte da mesma folha aparece a referência à obra de Étienne Brazil²¹ com comentário lateral.

Retalhos e as ruas da criação

Predomina o caráter não linear e a descontinuidade na organização dos recortes; a presença de notas avulsas para registrar as impressões e formas de linguagem colhidas nas ruas; os registros da tradição literária nas observações de leitura; a pesquisa de acontecimentos da memória cultural; esboços e versões de textos, observações sobre vida literária e circulação de seu livros, enfim, a pluralidade de interações e inferências conferem aos *Retalhos* a configuração de rede, com o potencial de mostrar o jogo complexo de conexões relevantes para a compreensão das escolhas temáticas e estéticas realizadas pelo escritor.

Assim como nos cadernos, o espaço da vida cultural, a rua, guarda o privilégio da coexistência de fenômenos heterogêneos, da mistura radical de temporalidades. E “o tempo é também uma distribuição hierárquica das formas de vida”²². Logo, torna-se o local de trabalho e criação e, desse observatório, o escritor escolhe e combina imagens, personagens, cenas produzindo, nos cadernos, novas correlações que poderão repercutir, ou não, na obra.

Na cidade do Rio de Janeiro, nas décadas iniciais do século XX, assiste-se à criação de um repertório compartilhado por toda a cidade graças à relação intermidiática frenética entre teatro, jornais, literatura, música, cinema, tendo a rua como ponto de convergência: espaço de imbricamento de tendências em relação mútua, numa dinâmica em que o invisível (as tensões, afetos, desejos, disputas) se projeta no visível (as páginas de jornais, as revistas de teatro, as cenas urbanas, a música). Assim, um caleidoscópio de imagens, cenas e linguagens apresenta a cidade e as disputas, negociações e subversões, vigilância e espetáculo. Movimento que demonstra também a capacidade de trânsito de escritores e artistas entre as diferentes representações e espaços, desde o talento verbal lúdico de humoristas a revistógrafos, cronistas até a publicidade (anúncios/reclamos/tabuletas na cidade) e associações recreativas distribuídas nos bairros e subúrbios.

18 François de La Rochefoucauld (1613-1680), escritor e moralista francês.

19 Jean de La Bruyère (1645-1696), filósofo e moralista francês.

20 Ferdinand Brunetiére (1849-1906) escritor e crítico francês. Entre suas obras, encontra-se *Études critiques sur l'histoire de la littérature française*, 1890-1907, 8 vols.

21 BRAZIL, Étienne. O fetichismo dos negros no Brazil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t.LXXIV, parte 2, p. 195-260, 1912.

22 RANCIÉRE, Jacques. **Tempos modernos**. Arte, tempo, política. Traduzido por Pedro Taam. São Paulo: n-1 edições, 2021.p. 18.

O cronista mais famoso do período, João do Rio [Paulo Barreto 1881-1921], na abertura de *A alma encantadora das ruas* apresenta as estratégias para compreender a cidade e suas redes. Primeiro expõe que a vê a partir das lentes da tradição literária, desde Victor Hugo, Balzac e Dickens até Rimbaud e Gustave Khan. Depois, aponta a rua como eixo da arte. “Mas, a quem não fará sonhar a rua? A sua influência é fatal na palheta dos pintores, na alma dos poetas, no cérebro das multidões. Quem criou o reclamo? A rua! Quem inventou a caricatura? A rua! Onde a expansão de todos os sentimentos da cidade? Na rua!”.²³

Com a finalidade de organizar a cidade e construir uma unidade discursiva, os jornais, e os cronistas, disseminam os ideais da modernização e, ao mesmo tempo, se aproximam dos leitores, e das ruas, tornando o jornal um meio informativo e de entretenimento. E “o fato de haver alto índice de analfabetismo não quer dizer que, também, nesse momento não houvesse leituras plurais e leitores múltiplos”.²⁴ Lia-se em voz alta nas rodas familiares, debaixo de postes iluminados, nos bondes, botequins, praças e, claro, nas ruas. Tais práticas que não se originam da leitura silenciosa, solitária, tampouco da exclusividade do texto impresso, sugerem modos diversos de apropriação de obras e gêneros literários. “Afinal, quem ouve, assim como quem lê, está, simultaneamente, buscando significados, recorrendo a significantes, buscando sons e sentidos, ritmos e formas. Neste movimento, formam-se redes que envolvem textos, leitores e ouvintes, e os modos de sentir, pensar e agir migram e impregnam uns e outros”.²⁵

Na redação de jornais a produção dos textos indica o perfil do público, isto é, mostra a preocupação de apresentar “o estilo entrecortado que anuncia em palavras soltas separadas por traços gráficos, normalmente um travessão, a síntese da notícia parece indicar uma leitura titubeante de quem ainda não está familiarizado com as letras impressas”²⁶ para alcançar o leitor (ou ouvinte da leitura alheia). Artistas e escritores procuram trazer as ruas para os jornais além de mostrar, simultaneamente, a dinamicidade da rede: os efeitos na outra ponta, a do leitor, do que é publicado pelos jornais.

Na capital carioca podemos destacar os cafés e redações de jornais como expoentes da intensa vida literária e atividade cultural e Lima Barreto dela tanto participou ativamente, quanto trouxe a rua para os cadernos, crônicas e romances. Um interessante exemplo desse processo está na permanência de Pelino Guedes,²⁷ nos cadernos e nas obras. Figura muito presente nas crônicas

23 RIO, João do [João Paulo Barreto]. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Martin Claret, [1908] 2009. p. 44.

24 BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p.125.

25 SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Do tablado às livrarias: edição e transmissão de textos teatrais no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. **Varia Historia**. Belo Horizonte, vol. 25, nº 42: p.557-578, jul./dez. 2009. p. 560.

26 BARBOSA, op. cit. p. 123.

27 Pelino Joaquim da Costa Guedes (1858-1919). Jornalista, biógrafo, poeta, professor. Foi secretário de José Joaquim Seabra, ministro do Interior e Justiça, no governo do de Rodrigues Alves, de 1902 a 1906.

diárias dos jornais cariocas, quer em registros fotográficos, quer por meio de caricaturas.²⁸ Referências humorísticas às suas biografias sempre de caráter encomiástico, aos livros de poemas, às funções na administração pública. É presença constante nas obras de Lima Barreto, das crônicas ao romance *Vida e morte de M.J.Gonzaga de Sá* (1919).

Questionar os limites do indivíduo, estender as fronteiras entre os gêneros, para expor os conflitos da subjetividade, representa uma forte característica da sua produção literária. No romance, acima citado, o narrador Augusto Machado torna-se autor da biografia do personagem título e, com profunda ironia, retira a seriedade do gênero estabelecido na tradição Ocidental, dedicado a ministros, heróis, “os grandes homens” assumindo-se um imitador.

*É um estimulante que procuro, e uma imitação que tento. Plutarco e o doutor Pelino, mestres ambos no gênero, hão de perdoar esse meu plebeu intento, de querer transformar tão exelso gênero de literatura moral – a biografia – em específico de botica.*²⁹

E é exatamente a miudeza, o tom menor da vida e seus desencontros o que move a simulação de biografia no romance, no relato das experiências de um sujeito comum, inexpressivo para as opiniões alheias. E a imagem da rua alcançou os cadernos e contaminou a obra literária. A linguagem prolixa e copiosa de Pelino Guedes, motivo de riso nos jornais e nas esquinas, funciona como mote para a problematização do gênero biográfico e do romance.

E, voltando às ruas, são os cafés, confeitarias, além de livrarias e gabinetes de leitura outros espaços de circulação e produção da vida literária carioca, cujos resultados estampam-se em polêmicas, prosa e verso, letras de canções ou textos de teatro de revista, conversas de esquinas e personagens nos ranchos de carnaval. É o que aponta o testemunho de Bastos Tigre, companheiro dos anos da juventude de Lima Barreto. “Aí se traçaram planos de grandes revistas de arte, de

Publicou os livros de poemas *Nuvens Esparsas* (1873), *Saudades do sertão* (1899), *Sombras* (1877). As biografias que produziu tinham o perfil de louvor aos biografados e destacam-se. *A Escola. Biografia de Amaro Cavalcanti*, Ministro da Justiça, 1897. *O Marechal Bittencourt, a vítima do dever*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1898. Fonte: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brazileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. 7 v.

28 Exemplo dessa presença nos jornais, e na rua, pode ser identificada no diálogo que acompanha a caricatura de Gil, em *O Malho*, de 14 de outubro de 1905 com ênfase na linguagem profusa de Pelino Guedes. Fonte: Hemeroteca Digital BN. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00161.pdf

“Pelino: — Auras felizes o tragam a esta capital e ao remanso dos nossos chás ! A comoção embarga-me a voz, e o meu coração se abre e fecha sem cordão !

Chefe: — Toque, seu Seabra ! As saudades eram muitas e eu preciso do seu braço forte para ter força contra as fraquezas dos nossos semelhantes..

Seabra: — Estou ciente de tudo e vejo quanto sou estimado. Mas permitam que lhes diga : o que me fez vir tão cedo foi o desejo de tomar parte no banquete da Coligação, sem parecer que regressava á pressa para isso... Nada! preciso tratar de mim, mas como quem não quer a causa...”.

29 LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Vida e morte de M. J.Gonzaga de Sá**. São Paulo: Brasiliense, 1956, vol. 4. p. 31.

jornais de combate, de poemas, de romances, (...) nasceram belos versos de Bilac, de Murat, de Emílio, de Severiano de Rezende, de Guimarães Passo, crônicas, conferências..."³⁰.

A rua é, portanto, local de trabalhos de escritores e o Rio torna-se a cidade dos cafés Café do Rio, Cascata, Paris, Papagaio, pontos preferidos das celebridades literárias. As discussões, referências de livros, debates de crítica literária e social serão reunidas por meio de recortes dos jornais nos cadernos de Lima Barreto que, a princípio, frequentara a roda do café Jeremias e depois se torna frequentador assíduo do Café Papagaio junto com o grupo denominado "Esplendor dos Amanuenses", formado por Bastos Tigre, Domingos Ribeiro Filho, Rafael Pinheiro, Amorim Junior, Calixto, João Rangel, Carlos Lenoir, o Gil caricaturista, entre outros. Não durou muito essa convivência. Dez anos depois de encerrada a presença no café Papagaio, Lima Barreto retoma essa temporada na crônica "Os galeões do México", dedicada a Domingos Ribeiro Filho, publicada na *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1911:

Nós nos reuníamos, nesse tempo, no Café Papagaio. Áí pelas três horas, lá estávamos a palestrar, a discutir coisas graves e insolúveis. Como havia entre nós bem uns quatro amanuenses, o grupo foi chamado 'Esplendor dos Amanuenses', na intenção de mais justamente destacar aquelas horas de felicidade, de liberdade, em oposição às de inércia nas secretarias e repartições, quando, acorrentados à galé dos protocolos e registros, remávamos sob o chicote da Vida. E falávamos a mais não poder ou então fundávamos jornalecos e escrevíamos coisas portentosas nas revistas, cujas aparições eram determinadas pelo estampar de solenes retratos de graves personagens da justiça, do comércio, da finança e da administração.³¹

No romance *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá* as cenas de ruas e cafés, filtradas pelos cadernos, são incorporadas à ficção. No capítulo IX, "O padrinho", o narrador rememora as cenas do café Papagaio.

Ao café, vínhamos conversar. As palestras variavam e eram instáveis. Ocasões havia em que começando pelo ementário do último rolo do Cassino, acabávamos examinando as vantagens de uma grande reforma social. Todos nós éramos reformadores. Pretendíamos reformar a moral e a literatura, com escalações pelo vestiário feminino e as botinas de abotoar. Nesse dia, na primeira mesa à porta de entrada, aos poucos, reunimo-nos quatro: o Amorim, o Domingos, o Rangel e eu. Quase completo o "Esplendor dos Amanuenses", pois assim denominávamos as nossas reuniões, em vista da profissão da maioria dos convivas – amanuenses, que tinham as suas grandes horas de satisfação e

30 TIGRE, Bastos. **Reminiscências**: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente. Brasília: Thesaurus, 1992. p. 28.

31 LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Os galeões do México. apud BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto, 1881-1922. 6^a ed. Rio de Janeiro: J.Olympio; Brasília, INL, 1981.p.126.

jacundo prazer ali, em torno daquela mesa e com uma orgia regada a café, entre o enfado da repartição e as agruras dos lares difíceis.³²

O escritor ainda cria, no romance, uma conversa entre os amigos do café, interrompida pela chegada do protagonista Gonzaga de Sá.

A chegada do velho funcionário à nossa ruidosa roda causou-me surpresa" (...) Por certa conversa que tive com ele, concluí que Gonzaga de Sá os achava[os cafés] indispensáveis à revelação dos obscuros, à troca de ideias, ao entrelaçamento das inteligências, enfim, formadores de uma sociedade para os que não têm uma à sua altura, já pela origem, já pelas condições de fortuna ou para os que não se sentem bem em nenhuma.³³

Poderosa estratégia para expor aos leitores e leitoras a relevância das ruas, seus cafés e boêmios cujos debates, polêmicas e temas perpassam os cadernos e alcançam romances e contos. Os *Retalhos* sugerem que não são passos trôpegos de bêbado que tecem a obra, mas o sistema complexo e relacional de pesquisa, armazenamento, apropriações, ajustes, experimentações.

Redes

Observamos que os cadernos *Retalhos* são repletos de recortes sobre leituras feitas, acontecimentos sociais, observações acerca das tensões experimentadas nas ruas e, sobretudo, demonstram a escolha do jornal como mediação para o processo criativo, como vimos na Figura 1, o recorte de jornal acompanhado da observação “para o artigo sobre bovarismo”. As ruas, cafés, bondes se transformam em ruas de palavras, de jornais, notas e esboços de ficção.

Podemos pensar os *Retalhos* a partir da perspectiva de rede – noção fluida que sugere passagem, transição, movimento, rastro. Rede também sugere a superposição de linguagens e atores na cidade e a tessitura do processo de passagens e movimentos entre culturas, sujeitos e linguagens e a plasticidade da ligação entre polos distintos. Das mesas de cafés e esquinas, das polêmicas e debates nos jornais na cidade do Rio de Janeiro, às colagens e anotações que remetem tanto à tradição literária, à crítica, à filosofia e à história quanto ao burburinho das risadas em torno de figuras, que transitam nas ruas e nos espaços de poder, como Pelino Guedes.

A noção de rede guarda ambiguidade e possui diferentes matrizes filosóficas que incidem sobre vários aspectos das ciências sociais, biológicas e a vida cotidiana. Presente desde a mitologia, como técnica, nas imagens de labirinto e tecelagem, é também compreendida como organismo associada diretamente ao corpo humano. Segundo Pierre Musso, foi Claude-Henri Saint Simon (1760-1825) quem

32 LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Brasiliense, 1956, vol.4. p.106-107.

33 Ibidem.

propôs o conceito moderno de rede que, fora do corpo, passa a ser pensada em sua relação com o espaço. A forte polissemia do termo, na história do pensamento, traz em comum a compreensão de rede como uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação³⁴.

As diferentes matrizes filosóficas de rede questionam a subordinação do múltiplo ao uno, própria da tradição Ocidental que resulta na lógica binária e na forma estratificada de efetivação dos desejos. A maneira contemporânea de pensar as relações em rede tem como base e inspiração a temática do rizoma tal como formulada na obra de Deleuze e Guattari *Mil Platôs*. No lugar de definições fechadas e conceitos prévios, há agenciamentos, conexões entre diversos, hibridações e, na seara da multiplicidade, não se trata de sujeitos e objetos, mas linhas, movimentos, grandezas e determinações que se expandem conforme seus agenciamentos. “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”³⁵.

Inspirado na noção de rizoma, o sociólogo Bruno Latour afirma que apesar de as ciências na modernidade buscarem purificar saberes e experimentos, suas práticas produzem hibridações e misturas cujo resultado compõem as redes sociotécnicas. “A rede não designa um objeto exterior com a forma aproximada de pontos interconectados, como um telefone, uma rodovia ou uma “rede” de esgoto”³⁶. E completa: “A rede é uma expressão para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos conseguem incluir. Rede é conceito, não coisa. É uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo, não algo que esteja sendo descrito”³⁷. Para o autor, a rede refere-se a fluxos, circulações, alianças, movimentos. Ainda segundo Latour, “uma rede não é feita de fios de nylon, palavras ou substâncias duráveis; ela é o traço deixado por um agente em movimento”³⁸.

As diferentes matrizes filosóficas tratam da multiplicidade, abertura e movimento. Podem, portanto, ser acionadas para a compreensão da criação artística. É o que discute Cecília Salles em *Redes da criação. A construção da obra de arte* (2016). Nesse sentido, a criação é vista como rede relacional complexa o que significa pensar “o ambiente das interações, dos laços, da interconectividade, dos nexos e das relações que se opõem claramente àquele apoiado em segmentações e disjunções”³⁹. Assim a tessitura dos processos constitui-se por interações e torna-

34 MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação Porto Alegre: Sulina, 2004. p.31.

35 DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs** (volume I). Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Costa. Revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2000. p.17.

36 LATOUR, B. **Reagregando o social**. Uma introdução à teoria ator-rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012. p. 189.

37 Idem, p.192.

38 Ibid.p.194.

39 SALLES, Cecília. **Redes da criação**. Construção da obra de arte. 4. reimpressão. São Paulo: Horizonte, 2016, p. 24.

se dinâmico porque opera no campo das incertezas e da tensão, entre tendências e acasos.

Considerando o que caracteriza os cadernos *Retalhos*, isto é, a não linearidade cronológica na colagem dos recortes; a presença de notas avulsas para registrar as impressões e diferentes formas de linguagem colhidas nas ruas; os registros da tradição literária nas observações de leitura; a pesquisa de acontecimentos da memória cultural; esboços e versões de textos; observações sobre vida literária e circulação de seus livros, enfim, a pluralidade de interações e inferências permitem a utilização do conceito de rede para abordagem de sua complexidade. Os cadernos *Retalhos* sugerem constituir um ambiente propício para o movimento das redes e cruzamentos de textos e linguagens, de tendências que sugerem interconexões, que não fornecem caminhos retos e definidores, mas podem apontar princípios, escolhas, ações feitas pelo escritor.

Pode-se pensar na expressão “retalhos” como rastro dos agenciamentos dos atores em movimento — rede portanto — com o potencial de mostrar o jogo complexo de conexões relevantes para a compreensão das escolhas temáticas e estéticas realizadas pelo escritor. E essa rede se torna visível, em certa medida, pela conexão forte entre a rua e os cadernos *Ou*, ainda, como afirma Cecília Salles em *Gesto inacabado*: “O que se busca é compreender como esse tempo e espaço, em que o artista está imerso, passam a pertencer à obra, em como a realidade externa penetra o mundo que a obra apresenta”⁴⁰. Observa-se um escritor crítico de seu tempo e pesquisador da realidade cultural, estudioso da tradição literária, leitor e crítico de jornais. Para Lima Barreto os recortes de jornais constituíam matéria-prima e a partir dela escolhe, manipula e transforma, deixando pistas das tendências do processo criativo a parir da coleção de “retalhos”.

E é preciso destacar que a desordem, a dispersão, o fragmentário, o teor multiforme característico da coleção são marcas da fecundidade do processo de criação do escritor carioca. Longe, portanto, da tosca associação entre os passos trôpegos nas ruas e o relaxamento e precariedade dos textos. Os *Retalhos* realizam a mediação entre as ruas, as redes e as obras.

40 SALLES, Cecília A. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 5 ed. revista e ampliada. São Paulo: Intermeios 2011. p. 45.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, M. de. “A psicologia em ação”. ANDRADE, Mario de. A Psicologia em ação. In: **O empalhador de passarinho**. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p.150.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformação da memória cultural**. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.p. 123; p. 125.
- BENJAMIN, W. O colecionador. In: BOLLE, W. (Org.). **Passagens**. Tradução do alemão Irene Aron; Tradução do francês Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006, p. 239.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. apresent. notas de Marcus Mazzari. São Paulo: Duas Cidades: Ed.34, 2002, p.137.
- BLAKE, A. V. A. S. **Diccionario Bibliographico Brazileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. 7 v.
- BRAZIL, É. O fetichismo dos negros no Brazil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t. LXXIV, parte 2, p. 195-260, 1912.
- GIDE, A. **Diário dos moedeiros falsos**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.139.
- KALIFA, D. **A tinta e o sangue**. Narrativas sobre crimes e a sociedade na Belle Époque. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 30.
- LATOUR, B. **Reagregando o social**. Uma introdução à teoria ator-rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012. p. 189; 192; 194.
- LIMA BARRETO, A. H. de. Feiras e Mafuás. In: **Obras de Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.169; 175; 193.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Marginália. In: **Obras de Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1956, 32.
- LIMA BARRETO, A. H. de. **Os galeões do México**. apud BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto, 1881-1922. 6^a. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio; Brasília, INL, 1981.p.126.
- LIMA BARRETO, A. H. de. **Vida e morte de M. J.Gonzaga de Sá**. São Paulo: Brasiliense, 1956, vol. 4. p. 31; 106-107.
- RANCIÉRE, J. **Tempos modernos**. Arte, tempo, política. Traduzido por Pedro Taam. São Paulo: n-1 edições, 2021. p. 18.

- RIO, J do [J. P. B.]. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Martin Claret, [1908] 2009. p. 44.
- SALLES, C. A. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 5 ed. revista e ampliada. São Paulo: Intermeios 2011. p. 45.
- SALLES, C. **Redes da criação**. Construção da obra de arte. 4. reimpressão. São Paulo: Horizonte. 2016, p. 24.
- SOUZA, S. C. M. de. **Do tablado às livrarias**: edição e transmissão de textos teatrais no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Varia Historia. Belo Horizonte, vol. 25, nº 42: p.557-578, jul./dez. 2009.p. 560.
- TIGRE, B. **Reminiscências**: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente. Brasília: Thesaurus, 1992. p. 28.